

JOGO E ESPORTE: UMA CONVERSA COM HUIZINGA E ELIAS.

Ricardo de F. Lucena

Resumo

O presente texto é uma tentativa de aproximar pontos de análise da obra de J. Huizinga, *Homo Ludens*, e aspectos da obra de N. Elias fundamentada na chamada teoria do Processo Civilizador, tendo como ponto de apoio a questão do jogo e do esporte. Nosso propósito não é lançar sobre uma e outra interpretação os confrontos possíveis, ou retirar de cada uma apenas os aspectos que julgamos positivos ou negativos para, só depois, anunciar uma síntese “reveladora” - como tem sido corrente em certas searas do fazer acadêmico. Tentamos, ao longo do texto, compreender uma e outra posição para, quem sabe, podermos apreender uma explicação que nos permita visualizar os espaços do esporte no Brasil, na passagem do século XIX para o século XX. Nesse sentido é que apresentamos algumas discussões que podem nos auxiliar no entendimento de conexões entre cultura e civilização, função e relação, nos autores abordados.

Palavras-Chave

Esporte; Jogo; Cultura; Civilização.

GAME AND SPORT: ONE TALKS WITH HUIZINGA AND ELIAS.

Ricardo de F. Lucena

Abstract

This text is one attempt to approximate the analyses standpoint from J. Huizinga, *Homo Ludens* book, and N. Elias texts about civilization process theory, supported by the games and sports view. It's not our proposition to throw over this aspects only one vision which as usual in their academics groups. Our attempt is to understand the one and the other position, for may be having an explication that allow us to visualize the space of the sport in Brazil, at the end of XIX century to the beginning of XX century. In this context we provide some discussions to help us to understand the connections between culture and civilization, function and relation, on this authors.

Key-Words

Sport; Game; Culture; Civilization.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos da obra de Huizinga, *Homo Ludens*, sua visão acerca da cultura e do jogo; e aspectos da obra de Norbert Elias, principalmente do livro *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Deste, tentaremos resgatar sua abordagem acerca de civilização e esporte. O leitor verá que o tema de maneira nenhuma está esgotado nestas poucas páginas. Mas acreditamos que, com a leitura, terá uma ideia de nossa necessidade de percorrer esta literatura para podermos compreender melhor o papel do esporte na sociedade brasileira da passagem do século XIX para o século XX. Cabe alertar o leitor que o propósito não discutir, neste momento, o contexto brasileiro mas, mapear questões que nos permitam posteriormente resgatar a discussão tendo como base o cenário brasileiro do início do século XX.

A obra do holandês J. Huizinga, *Homo Ludens*, tem sido um importante suporte de análise acerca do jogo para tantos que buscam um melhor entendimento sobre o tema, e sua vasta possibilidade de análise.

Huizinga publicou *Homo Ludens* ainda nas primeiras décadas desse século XX e então, não é sem razão, seu argumento de que se trata de “incursoes predatórias” em terreno, a época, ainda não explorado suficientemente. Ainda é importante frisar, e o próprio Huizinga o faz, que o estudo visa dar um primeiro arremate em um ponto em que a antropologia e as ciências a ela ligadas têm prestado muito pouca atenção. Não obstante todas essas observações, parece que nosso autor conseguiu atingir seus objetivos, dado que, se não foi o primeiro e nem o único ao tratar do assunto até aquela data, foi, sem dúvida, alguém que o fez emergir a um plano possível de ser melhor visualizado por seus contemporâneos e, principalmente, pelos que lhe sucederam.

A proposição de uma conversa com Norbert Elias para nós é mais do que justificada se considerarmos a ideia chave de Processo Civilizador para este autor e a relevância da questão do esporte¹ para o entendimento das sociedades atuais. Para Elias, mais do que demonstrar o ‘como’ essas práticas emergiram na nossa sociedade, importa descobrir o “por que” de ter acontecido e “qual” o seu significado. Com um coerente trabalho de síntese a respeito do tema, dado que circula com desenvoltura por diferentes áreas apontando na direção de uma “história-ciências sociais” que dialogue com a psicologia², Elias nos oferece, não um caminho, mas caminhos possíveis, para um melhor entendimento do que ele

¹ Posteriormente trataremos melhor o conceito de esporte para N. Elias. Por enquanto vale salientar que a ênfase aqui recai nos passa tempos com características específicas ou exercícios corporais competitivos e altamente regulados, e não necessariamente entendido apenas como performance.

² A este propósito vale a pena o leitor ler texto de R. CHARTIER denominado “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”. Pode ser encontrado nas publicações *Estudos Históricos* do CPDOC.

chamou, na sua análise do esporte, de “processo de desportivização” por que tem passado as complexas sociedades hodierna.

Aqui, para além de trabalhar apenas com a idéia de demonstrar pontos de confronto entre os dois autores, o que talvez mais encobrisse do que revelasse novas perspectivas, tentaremos “interrelaciona-los” no propósito de, quem sabe, podermos apreender uma explicação que nos permita visualizar esse “esforço civilizador” brasileiro, sob a ótica da esportivização dos passatempos.

Talvez fosse bom iniciar essa conversa tentando desfazer uma “aparente” contradição entre os dois com relação ao uso dos termos “Cultura” em Huizinga e “Civilização” em Elias. De que, na verdade, fala cada um deles ?

É bom aqui ser pontual. Para Elias, o termo “civilização”, apesar de não significar a mesma coisa para as diferentes nações ocidentais, de uma maneira geral resume um sentimento, descreve “*o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.*”³ Por outro lado, ao que parece, a idéia de cultura em Huizinga está ligada a uma certa tradição alemã que a entende como sendo “produtos humanos”: obras de arte, livros, etc. São, como diria Elias, semelhantes a “flores do campo”, dado que expressam um conceito delimitado, e intensifica a identidade particular. Nesse sentido, talvez seja esclarecedor uma passagem em que Huizinga vai afirmar que

No decurso da evolução de uma cultura, quer progredindo quer regredindo, a relação original por nós definida entre o jogo e o não jogo não permanece imutável. Regra geral, o elemento lúdico vai gradualmente passando para segundo plano, sendo sua maior parte absorvida pela esfera do sagrado. O restante *cristaliza-se* sob a forma do saber: folclore, poesia, filosofia e as diversas formas de vida jurídica e política. Fica assim completamente oculto por detrás dos fenômenos *culturais* o elemento original.⁴

Assim, a medida que se cristaliza sob a forma de saber, o elemento lúdico ascende a condição de cultura. Porém, em Huizinga, essa condição só perdura na medida em que não esteja totalmente desconectado de formas lúdicas. Daí porque o interesse de saber em que medida a cultura atual continua a se manifestar através de formas lúdicas. Há que considerarmos que a distinção entre cultura e civilização está presente na explicação de Huizinga, e que talvez, também por isso, sua crítica ao esporte esteja tão fortemente

³ N. Elias. *O processo civilizador*. Vol I p. 23. Neste volume Elias faz, já no seu início, um paralelo entre o conceito de “civilização” para ingleses e franceses e de “cultura” (*kultur*) para os alemães.

⁴ Huizinga. *Homo Ludens*. p. 54.

ligada ao fato de por este perder seu caráter sacro , não poder “*estar elevado ao nível de uma atividade culturalmente criadora.*”⁵ Ao passo que para Elias a idéia de civilização, a par de todas as características distintivas que lhe atribuímos, “*atesta a existência de uma estrutura particular de relações humanas , de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento.*”⁶ O que certamente considera as práticas esportivas como uma ação necessariamente componente e incluída. Vide aí sua análise do esporte na introdução do livro “*Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*”, relacionando-o ao processo civilizador Inglês.⁷

Um ponto básico em que se apoia o pensamento de Huizinga é que o jogo é fato mais antigo que a cultura, e que esta “*surge sob a forma de jogo, que ela é, desde seus primeiros passos, como que jogada*”⁸ Portanto pensar no Homo Ludens de Huizinga não é apenas pensar no jogo como uma categoria isolada, mas sim, pensa-lo em relação a cultura e a civilização. que nos parece ser o esforço feito pelo autor ao longo de toda a obra.

Huizinga, no primeiro capítulo do homo Ludens denominado “*Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural*”, elenca várias características deste e passa a considera-las nos capítulos posteriores como pontos de apoio à análise. As principais características apontadas são: 1) O jogo é uma função significante; 2) É uma atitude voluntária; 3) É uma evasão da vida real; 4) O jogo cria ordem e é ordem. Em síntese o jogo para Huizinga “*é limitado no tempo, não tem contato com qualquer realidade exterior a si mesmo e contem seu fim em sua própria realização. Caracteriza-se além disso pela consciência de se tratar de uma atividade agradável, que proporciona um relaxamento de tensões da vida cotidiana.*”⁹

A partir daqui vários pontos de intercessão podem ser vistos com relação a Elias. Alguém poderia ainda argumentar que Huizinga e Elias tratam de objetos diferentes e portanto não faz sentido coloca-los lado a lado numa análise. Enquanto um se atêm a questão do jogo no sentido mais lato, extenso; o outro parece se reportar ao esporte como um elemento situado no tempo, e num tempo pensado a partir da formação dos estados nacionais. É certo que esses pontos têm a sua razão, mas também é certo que ambos se preocupam com o objeto numa longa duração e que tiveram na idéia de civilização e cultura o lastro por onde sempre apoiaram suas análises. Nesse sentido o jogo para Huizinga também tem contato com o

⁵ Op.cit. p 220.

⁶ N. Elias. Op cit. p. 73.

⁷ N. Elias e E. Dunning. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Introdução. p. 31-81.

⁸ J. Huizinga. op cit. p. 53.

⁹ Op. cit. p. 226.

esporte principalmente quando considera o elemento lúdico na cultura contemporânea, embora os sentidos dado ao esporte em Huizinga e Elias tenham amplitudes bem diferentes e é justamente isso que nos interessa anotar. Huizinga, acredita que o esporte perdeu seu caráter sacro, tornou-se profano, “*deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade*”, e por isso não está elevado ao nível de uma atividade culturalmente criadora.¹⁰ Elias por seu lado, longe de querer negar o valor lúdico da sociedade contemporânea, procura mostrar as diferenças, no longo percurso, que nos permitam detectar as necessidades específicas que possibilitaram a transformação de determinadas ocupações recreativas em esportes que têm no “descontrole-controlado” das emoções uma de suas características mais marcantes.

Anotemos estes aspectos até aqui observados. Posteriormente, quando formos discutir mais proximamente o jogo e o esporte na sociedade contemporânea voltaremos aos pressupostos dos dois autores na tentativa de observar as diferenças e semelhanças de análise.

No capítulo dois do *Homo ludens*, quando trata do “jogo e a competição como funções culturais”, Huizinga aprofunda algumas características apontadas anteriormente e traça as primeiras significativas aproximações com a questão da cultura. Desta parte, dois pontos nos parecem relevantes num primeiro momento. Um deles é quando afirma que “*tal como todas as outras formas de jogo a competição é geralmente desprovida de objetivo.*”¹¹ Isso logicamente pensado, de acordo com Huizinga, tanto na antigüidade como nas sociedades contemporâneas. Aqui difere de Elias de uma forma radical, pois este considera o jogo como prenda de um conteúdo indispensável ao homem nas várias e diferentes sociedades e, principalmente, na nossa sociedade complexa e diversificada, entre outros fatores pela sua característica mimética e pelo autocontrole específico necessário a prática dos esportes, tratado aqui sempre no sentido lato do termo.

Mas há um outro fator ainda mais destoante e que não podemos deixar aqui de fazer alguma referência. Ao nosso ver, quando aponta o jogo e a competição como *funções culturais*, Huizinga passa a dar ao jogo e a competição uma conotação “pré- conceitualmente boa”. Ou seja, parece que o jogo é “em si”, e por definição colabora com o desenvolvimento cultural. O jogo e a competição são, desse modo, conteúdos com ‘função’ unilateral. Com um sentido que contribui sempre para a integridade da sociedade existente. Por outro lado, quando Elias fala que o conceito de “função” deve ser compreendido como um conceito

¹⁰ Op cit. p. 220.

¹¹ Op cit. p. 56.

de “relação” está, ao que parece anunciando uma outra leitura dessas ‘funções culturais’ e conseqüentemente, da análise do jogo e da competição. Para Elias o termo função é enganoso quando usado como expressão de uma tarefa desempenhada por uma parte dentro de uma totalidade pretensamente harmoniosa. Pois, “*só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependência que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude.*”¹² Elias considera, portanto, que as funções são atributos de relações, como tal, uma questão de poder e objeto de múltiplas perspectivas. Daí pode-se deduzir também, que o termo “função” para Huizinga parece associado a uma idéia harmonizante, jogo e competição são partes de um todo harmônico e perene. Podemos notar essa associação com uma análise unilateral do jogo e a competição quando fala que:

No curso do desenvolvimento de toda e qualquer civilização, a função agonística atinge sua forma mais bela, que é também a mais fácil de discernir, na sua fase arcaica. A medida que uma civilização vai se tornando mais complexa, vai-se ampliando e revestindo de formas mais variadas, e que as técnicas de produção e a própria vida social vão se organizando de maneira mais perfeita, o velho solo cultural vai sendo gradualmente coberto por uma nova camada de idéias, sistemas de pensamento e conhecimento; doutrinas, regras e regulamentos; normas morais e convenções que perderam já toda e qualquer relação direta com o jogo. Dizemos, nesse momento, que a civilização se tornou mais séria, devido ao fato de atribuir ao jogo apenas um lugar secundário. Terminou o período heróico, e a fase agonística parece, ela também, pertencer unicamente ao passado.¹³

Ou seja, enquanto para Huizinga o jogo e a competição exercem como que uma ação direta e exclusiva na explicação do contexto; para Elias eles têm uma função entendida sempre como *relação*. Eles se relacionam com outros e variados fatores componentes de uma interdependência funcional, fruto de uma reciprocidade.

Passemos então a tratar da análise do que Huizinga vai chamar de “cultura contemporânea”. O que nos permitirá uma maior aproximação com os argumentos contidos no capítulo que aborda “o elemento lúdico da cultura contemporânea” e tópicos dos textos de Elias expostos em “Deporto y ocio en el proceso de la civilizacion”.¹⁴ Esta aproximação é necessesária porque, se pretendemos discutir o papel do esporte no esforço civilizador brasileiro, é preciso deixar claro o que estamos entendendo por esporte e jogo num contexto que se diversifica e elege práticas que atendam as suas necessidades. Dessa forma entendemos que a emergência de práticas de passatempos com as formas esportivizadas que conhecemos hoje, é específico de formações sociais, de configurações que, no Brasil, vão se estruturando a partir de

¹² Para um maior esclarecimento sobre o conceito de função remeto o leitor para a primeira parte de *Introdução à Sociologia*. p. 84-85.

¹³ Huizinga. *Homo Ludens*. p. 85.

¹⁴ Elias e Dunning. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion*. Aqui nos utilizamos também da versão em português cujo título é : *A Busca da Excitação*.

meados do século passado com a diminuição do tráfico de escravos, a chegada de imigrantes, a diversificação de funções e ainda o crescente sentimento de formação nacional que ganha espaço entre as classes letradas. Ao nosso ver, uma prática baseada numa técnica específica caracteriza um modo de agir de um contexto que se estrutura diferenciadamente. Aqui a aproximação é necessária justo no ponto em que os autores tratam, a seu modo, dos seus objetos no contexto das sociedades dos séculos XIX e XX.

É interessante notar que no início do capítulo que denomina o “Elemento lúdico da cultura contemporânea”, Huizinga aponta como fatores de a Inglaterra ser o berço da moderna vida esportiva, o seguinte: a autonomia dos governos locais encorajando o espírito de associação e de solidariedade; a ausência de serviço militar obrigatório, as formas de organização escolar, a geografia do país e a natureza do terreno.¹⁵ Observemos então que fatores muito específicos, como que numa relação de causa e efeito, parecem determinar o surgimento das práticas esportivas. Huizinga, certamente, desconsidera outras relações que encampe as práticas sociais, ou por outras, que sejam essas relações que construam essas práticas.

Já a análise de Elias caminha no sentido de uma explicação que compreenda essa prática como componente de um processo não planejado e que tem, nas interrelações com outros processos sociais - a parlamentarização da vida política na Inglaterra, por exemplo como sintoma de um crescente controle da violência social e individual - a possibilidade de entendimento de um processo em larga escala e em diferentes níveis, culminando com comportamentos sociais diferentes dos da fase anterior. Assim é que, para Elias há um processo de “parlamentarização” e um processo de “desportivização” dos passa tempos ocorrendo concomitantemente na Inglaterra .

Se para Huizinga a distinção entre amadores e profissionais(ou cavalheiros e jogadores) é um fator de degeneração do jogo pois, “*o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação*”¹⁶ Para Elias este fato é componente de uma explicação que aponta na direção de uma diversificação de funções e ainda como fator de um processo de diferenciação individual característico, que torna a pratica do esporte num sentido como que voltado para si, para o Eu, e em outra direção, voltada para o “outro”, ou para o Ele.¹⁷ O que talvez Huizinga não tenha percebido foi que, assim

¹⁵ J. Huizinga. Op cit. p. 219.

¹⁶ Op. cit. p. 219.

¹⁷ Vale a pena conferir o capítulo II “O lazer no espectro do tempo livre” de *A busca da excitação* onde Elias vai tratar das atividades de trabalho como que voltadas mais para o “outro” e as atividades de lazer voltadas em primeira instância para “si”. p 139 a 185.

como, quando de sua análise sobre a arte e a música¹⁸ que, para ele, se tronaram mais “íntimas”, mais individuais, no decorrer do final do século XIX para o século XX; também o caráter lúdico dos passa tempos apareceu diferenciado, mais ‘individualizado’ nas práticas esportivas. A análise do esporte sem essa consideração, podemos dizer, fica como que ‘de pé quebrado’, dado que não considera esse processo individualizador característico, não apenas das práticas esportivas, mas de um ‘modo de ser’ próprio das sociedades diferenciadas reguladas que conhecemos e vivemos.

Na leitura da obra de Huizinga ainda um fato nos chama atenção. Ao considerar que “*a participação de grandes massas semi-educadas no movimento espiritual internacional, o relaxamento dos costumes e a hipertrofia da técnica*” são em grande medida responsáveis pelo “*abastardamento universal da cultura*”¹⁹ - talvez isso nos faça compreender melhor o seu descaso para com o esporte como um componente cultural próprio do final do século XIX - e dar crédito a crítica feita por Eric Dunning em passagem do capítulo sobre “a dinâmica do desporto moderno” onde vai afirmar que “*Huizinga é um romântico que anseia por uma sociedade ‘orgânica*””. E que está implícito em sua análise que a democratização dos desportos seja sua principal causa de declive, e que a criatividade e os elevados padrões morais são restritos às elites. Conclui dizendo que:

...para além do fato de ter relacionado o desporto com o que considera ser uma tendência geral (no sentido da seriedade), (Huizinga) não efetua nenhuma tentativa para analisar a sociogênese dessa suposta transformação, nem para a relacionar rigorosamente com as suas fontes sociais estruturais.²⁰

Daí porque um ponto da análise de Huizinga que fica a desejar é justamente o de não perceber o esporte como um componente ‘culturalmente’ novo nas formações sociais hodiernas.

Se até aqui nosso objetivo foi fazer essa ‘tabela’ entre J. Huizinga e N. Elias, muito mais no propósito de ir definindo o entendimento do papel e significado do esporte na sociedade contemporânea; agora se faz necessário avançar um pouco nos caminhos da prática com ênfase esportiva, para a partir daí pensa-la no contexto brasileiro da transição do século XIX para o século XX, com o advento da República e seus significados. E ainda, os significados da prática dos esportes em expansão nesse momento, interrelacionados no esforço civilizador brasileiro. Mas para esta conversa precisaremos de outros interlocutores e, por enquanto, fica para uma outra oportunidade.

¹⁸ J. Huizinga. op cit.p.223-224.

¹⁹ Op. cit. p.228.

²⁰ N. Elias e E. Dunning. *A Busca da Excitação*, p. 309.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. “*A história hoje: dúvidas, desafios, propostas.*” in **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed da Fundação Getúlio Vargas. V. 7, n. 13, 1994. p.97-113.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Introdução à Sociologia*. Braga (Portugal): Edições 70,1980.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion*. México: FCE, 1995.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

Ricardo de F. Lucena
Universidade Federal do Espírito Santo

Referência do artigo:

ABNT

LUCENA R. F. Jogo e esporte: uma conversa com Huinzinga e Elias. *Conexões*, v.1, n. 1, p. 18-27, 1998.

APA

Lucena, R. F. (1998). Jogo e esporte: uma conversa com Huinzinga e Elias. *Conexões*, 1(1), 18-27.

VANCOUVER

Lucena RF. Jogo e esporte: uma conversa com Huinzinga e Elias. *Conexões*, 1998, 1(1): 18-27.